

Alguns Inconvenientes de uma Economia Colonial

NEWTON BELLEZA

A terra, as águas, o clima e o homem constituem uma unidade que não pode ser impunemente quebrada. Dentro das características da vida moderna, em que o homem é sobretudo consumidor de produtos fabricados, a unidade entre o homem, a terra, as águas e o clima se completa com a indústria. Sem ela se interrompe o ciclo natural de produção, transformação, distribuição e consumo de uma vida social de feição acentuadamente econômica, com exigências imediatas e insubstituíveis de produtos industriais.

A interrupção desse ciclo vital importa inevitavelmente no desequilíbrio e na dependência. Os preços das matérias-primas e dos alimentos que um país não industrializado produz são-lhe impostos pelo país importador, inevitavelmente monopolizador, da mesma forma que os preços dos produtos transformados que de volta lhe são oferecidos ao consumo. De modo geral, a percentagem de lucro industrial é muito maior do que a percentagem de lucro na produção de matérias-primas e alimentos.

Os países donos da indústria são em regra donos do comércio, o que lhes permite ganhar ao mesmo tempo de duas formas que deixam uma margem de lucro muito maior do que a que se obtém na agricultura e na prática puramente extrativa. Desse modo, uma economia colonial, além de ser nociva por quebrar o ciclo natural da vida de um povo, significa a abdicação do que há de mais compensador nas formas de atividade humana.

Ainda que fôssem iguais ao do comércio e da indústria os proveitos da exploração da terra e da prática extrativa, a situação de país de economia colonial só permite ganhos relativos à produção de alimentos e matérias-primas enquanto a situação de país industrial oferece margem a lucros no comércio dos produtos quando ainda em seu estado primitivo, na sua transformação industrial e no comércio de volta para distribuição pelos países consumidores. A indústria ganha assim três vezes em cada uma para a produção agrícola e extrativa.

Em conseqüência disso, os capitais tendem a acumular-se sempre onde há a predominância da indústria e do comércio, o que beneficia os países industriais com mais uma forma de superioridade sobre os de economia colonial. Melhor situação financeira quer dizer domínio dos mercados e decisão nos preços, assim como a influência e o comando nas próprias atividades agrícolas e extrativas, em tôdas as partes do mundo.

Melhor situação financeira quer dizer maior prosperidade geral, com o distanciamento cada vez maior dos que se dedicam à exploração agrícola e extrativa, que se encolhem num estado de civilização primitiva.

O mais grave ainda é que, enquanto a forma de exploração industrial tende a ser restaurativa, a de exploração colonial apresenta-se delapidativa dos recursos naturais. Aquela recebe um rico patrimônio de produtos de outras terras, com a possibilidade de proveito dos resíduos, do que sobra à transformação, ao passo que esta dá, envia para fora as suas reservas, esgotando os seus elementos úteis, os fertilizantes que existem naturalmente no seu solo.

A própria natureza da exploração de uma economia colonial cria nos homens uma mentalidade delapidadora, a ânsia apenas de aproveitamento imediato do que existe ou do que rapidamente se pode obter para exportar. O meio colonial parece assim que só se destina a ser explorado até o esgotamento e a destruição e depois abandonado, passando-se facilmente adiante para a insaciável atuação predatória, sem a mínima idéia de reconstrução e previsão. Assemelha-se ao caso psicológico dos herdeiros de fortunas acumuladas pelos outros.

O homem da economia colonial não tem noção de sua unidade econômica, a longo prazo, com a terra e os seus produtos, as águas e o clima, porque êle não assiste à obra de sua transformação e, pelo atraso em que vive, muito vagamente tem notícia do destino que essas coisas vão ter. É uma conseqüência lógica da interrupção no ciclo vital do mundo moderno pela ausência da indústria, que o competa, que o feche, que traduz para todos o sentido da continuidade de fazer, desfazer e refazer. O homem da economia colonial se empobrece em dinheiro, em espírito, em aspirações construtoras. Êle age como o homem primitivo, simples preador, mas sem os limites impostos pelas condições de vida do homem primitivo, que precisa apenas atender às suas pequenas necessidades. O homem da economia colonial é um preador que precisa atender à forma pantagruellesca da indústria dos outros...

Porque essa indústria é para os outros, a economia colonial perde a regência na utilização dos produtos depois de transformados. Quando as condições do mundo são normais, há fartura, abundância de artigos nos mercados porque a indústria precisa de expansão para o consumo e envia, então, os seus produtos aos quatro cantos

do globo, não raro asfixiando a indústria elementar dos povos primitivos. Mas, num período de guerra, os países coloniais têm de submeter-se à prioridade do uso dos artigos para fins bélicos, e tudo lhes escasseia então, inclusive as próprias máquinas indispensáveis às atividades agrícolas e extrativas. A sua economia, mesmo colonial, sofre os mais terríveis desmantelos e colapsos, como compensação os países industriais desenvolvem além dos limites a sua própria agricultura, tomam conta dos mercados que dificilmente voltarão aos antigos fornecedores.

O após-guerra veio ainda comprovar a importância maior dos países industriais sobre os de economia colonial quando tiveram aqueles a preferência de auxílio para sua recuperação, enquanto os outros ficaram relegados a um plano secundário, embora em completa contradição com uma política internacional aparentemente de expansão da agricultura para melhoramento geral da alimentação. É que, na verdade, é a economia industrial que tem primazia nos acontecimentos mundiais pelo poder imediato e mediato de que dispõe. É esse poder inclui prestígio bastante para determinar que todos os outros se mexam em caso de necessidade.

Essa lição do após-guerra não deve ser desprezada a título de ocorrência raramente verificada. Tudo indica que estamos numa época de guerras mundiais periódicas, arrastando consigo a manifestação, também periódica, de destruição e reconstrução econômica. Cada país deve, pois, ter a sua economia planejada para os tempos de paz e para os tempos de guerra, momentos em que são diferentes as suas possibilidades exportadoras e importadoras. Sem essa previsão, a que obedecem as nações mais adiantadas, não poderão ser evitados, pelo menos em parte, os enormes prejuízos que advêm com as mudanças súbitas e imprevisíveis das condições gerais, nessas duas fases quase antagônicas de vida humana.

Esse rápido exame ajuda-nos a compreender e justificar o esforço que países novos estão fazendo, mesmo sem grandes possibilidades para isso, em tornar-se industriais. O exemplo da Alemanha, difícil de ser vencida depois de haver perdido uma guerra em que sofreu os maiores prejuízos de sua história, é ainda uma valiosa advertência sobre o prestígio de uma nação que se industrializou. É através de seu parque industrial que a Alemanha ainda pode sobreviver, despertando por isso o interesse de seus competidores de ontem. Não se pode destruir uma grande indústria, depois de cuidadosamente montada, sem sérios inconvenientes para todo o mundo.

Muito se tem falado entre nós, sem dúvida com certo exagero do declínio da nossa produção agrícola. Não seria, entretanto, difícil de se provar que a nossa agricultura só poderá progredir de fato na medida em que nós industrializarmos. Basta que nos recordemos de que um dos motivos da nossa situação de emperramento é a falta de máquinas para os trabalhos agrícolas, outro é a deficiência de adubos necessários, e ainda outro: a dificuldade de transporte. Quem não concluirá, a um simples relance, que todos eles existem sobretudo porque não temos ainda um desenvolvimento industrial suficiente para atender às nossas próprias necessidades?

Nada mais justo, pois, do que a firmeza de propósito de não quereremos para nós esse desastrosado tipo de economia colonial, para que não somos indicados pelos nossos recursos naturais, e de sermos agradecidos àqueles que nos ajudarem a sair dessa situação em que inexplicavelmente ainda nos encontramos. Todos os nossos males não são, em verdade, pelos motivos que uma observação superficial nos indica, mas antes de tudo por causa do nosso tipo econômico, de vez que se pode facilmente verificar serem eles comuns a todos os países que se atolaram no regime de delapidação e marasmo, inerente à própria natureza da economia colonial.

* * *

A AGRICULTURA NO TERRITÓRIO DO ACRE

Possuindo uma insignificante densidade de população não encontramos no Acre uma agricultura propriamente dita, pelo seu reduzido número, dão um caráter de monopólio à superfície representar 1,80% da do Brasil, a área cultivada porque apenas 0,61% da superfície do Acre se destina à café, feijão, fumo, mandioca e milho, cabendo a estes dois Para a economia brasileira a produção de tais artigos no produção total do país, apenas o seguinte: arroz 0,08%; e o milho 0,10%.

Dado o insignificante número de máquinas agrícolas para apenas 6 arados, 3 grades, 2 rolos e 1 cultivador), fica o calamitosa situação com referência à mecanização da lavoura, agrícola. Em virtude de tão elevado índice de inexistência pessoas ocupadas na agricultura, cujo total representa apenas agricultura extremamente extensiva, o que faz com que caiba 12,5 ha., área esta 6 vezes maior que o índice geral para o

No entanto, apesar desses fatores negativos, aos quais se junta a praga das formigas, os produtos cultivados no Acre apresentam um dos maiores rendimentos médios do Brasil, pois a produção de mandioca é de 18 ton. por ha. e a do milho é de 1,5 ton. por ha.

mas sendo a sua economia principalmente de extração vegetal, mas tão somente o plantio de algumas culturas, as quais, pequena atividade agrícola no Território. Apesar de sua não vai além de 0,4% do total da área cultivada no Brasil, atividade agrícola, a qual se concentra na produção de arroz, últimos produtos as maiores partes das terras cultivadas. Acre é insignificante, pois o seu volume representa, na café 0,04%; feijão 0,09%; fumo 0,13%; mandioca 0,52%;

trabalhar as terras cultivadas (dados do censo de 1940 — Acre colocado, dentre as unidades da federação, na mais pois cabem 7.360 ha. de terra cultivada para cada máquina de máquinas agrícolas e por causa do pequeno número de 9% da população de fato do Território, pratica-se ali uma a cada pessoa ocupada na lavoura o cultivo, em média de Brasil.

se junta a praga das formigas, os produtos cultivados no Acre pois a produção de mandioca é de 18 ton. por ha. e a do